

Fiscais da Receita no rastro do empresário

BERNARDINO FURTADO

SÃO PAULO — O dublê de empresário e senador Gilberto Miranda (PMDB-AM), na berlinda por conta de sua intrigante mudança de posição sobre o projeto do Sivam, também enfrenta problemas nos negócios, justamente na área em que mostrou uma espetacular capacidade para acumular vitórias e dinheiro: a Zona Franca de Manaus, onde tem participações em 14 empresas. A pedra no caminho do empresário Miranda foi uma fiscalização da Receita Federal na Brasinca Veículos Especiais da Amazônia que gerou uma multa de milhões de reais. Funcionários da Receita estimam que o

volume de impostos sonegados pela Brasinca da Amazônia — uma associação entre Gilberto Miranda e a Brasinca Industrial S/A — pode ter superado a casa dos R\$ 50 milhões.

A Brasinca da Amazônica está recorrendo contra a multa no Conselho dos Contribuintes e, estranhamente, decidiu fechar a fábrica, dois anos após a inauguração. No galpão da antiga montadora de caminhonetes está instalada agora a TNT Transportes. O processo na Receita tramita sob sigilo fiscal. Por isso mesmo, o Fisco não admite oficialmente a multa contra a Brasinca da Amazônia e os motivos que provocaram a aplicação da punição. O sistema operacional adotado pela montadora, contu-

do, sempre chamou a atenção dos fiscais fazendários.

— Não era uma montadora e sim um ponto de parada para o passeio de carrocerias e carros prontos, beneficiado pela isenção de impostos da Zona Franca — diz um fiscal da Receita.

A Brasinca da Amazônia recebia da fábrica da empresa em São Paulo chassis já com os motores montados e botava pneus e outras peças, remetendo as caminhonetes prontas de volta à unidade paulista.

Graças à capacidade de influenciar pessoas, especialmente autoridades federais, Miranda se tornou um craque na arte de obter a aprovação de projetos industriais enquadrados no sistema de incentivos fiscais. Entran-

do sempre como sócio minoritário de projetos com grandes parceiros estrangeiros, foi acumulando participações acionárias. Atualmente, o grupo empresarial do senador fatura cerca de R\$ 500 milhões por ano.

O irmão Egberto Batista, secretário de Assuntos Regionais no Governo Collor, diz que Miranda cultivava um estilo singular de fazer política:

— Ele não toma conhecimento das panelas e entra se a porta estiver aberta. Se tentarem excluí-lo, abre para a imprensa aquilo que se pretendia ter sido uma conversa reservada. Embora não seja o meu estilo, não o critico, até porque o Gilberto é hoje muito mais bem sucedido do que eu.